

Henrique da Silva e do mundo:

Uma vida para o samba

Henrique da Silva and the world: a life for samba

ULISSES CORRÊA DUARTE

Doutor em antropologia pelo programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(PPGAS/UFRGS)

correduarte7@gmail.com

FABIANA LOPES DA CUNHA

Professora doutora do departamento de história da UNESP

fabiana.cunha@unesp.br

RESUMO: Paulo Henrique Rodrigues da Silva, idealizador da Paraíso School of Samba, a maior escola de samba europeia, é um sambista brasileiro que se destacou em outro continente ao dedicar sua vida pessoal e profissional ao samba e às escolas de samba desde sua juventude no Rio de Janeiro. Neto de criação de Tia Alice, uma das antigas referências dos projetos sociais da Mangueira nas décadas de 1970 e 1980, Henrique aprendeu a estudar, pesquisar, adereçar, dançar e se expressar por meio das artes carnavalescas. Ao promover a experiência do samba e do carnaval carioca em Londres, capital do Reino Unido, Henrique se tornou um importante líder local ao construir um movimento artístico-cultural com base na cultura brasileira que, nas últimas décadas, ampliou sua importância no carnaval de Notting Hill. Henrique formou uma rede de sambistas de diversas nacionalidades que articulavam seus trabalhos em contato direto com o carnaval carioca a partir do processo de globalização do complexo cultural do samba.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval; Escolas de Samba; Cultura Brasileira.

ABSTRACT: Paulo Henrique Rodrigues da Silva, founder of the Paraíso School of Samba, the largest European samba school, is a Brazilian samba player who stood out on another continent by dedicating his personal and professional life to samba and samba schools since his youth in Rio de Janeiro. As a foster grandson of Tia Alice, one of the oldest references of social projects in Mangueira in the 1970s and 1980s, Henrique learned to study, research, dance and express himself through the carnival arts. By promoting the experience of samba in London, capital of the United Kingdom, Henrique became an important local leader by building an artistic movement based on Brazilian culture that, in recent decades, has increased its importance in the Notting Hill's carnival. Henrique created a network of samba fans from different nationalities who articulated their work in direct contact with Rio de Janeiro's carnival associated with the globalization process of the samba cultural complex.

KEYWORDS: Carnival; Samba Schools; Brazilian Culture.

Introdução

Foi pelas mãos de Tia Alice, baluarte importante na história da Estação Primeira de Mangueira, que o menino Paulo Henrique entrou pela primeira vez no Palácio do Samba. O entorno do Morro de Mangueira, no início da década de 1980, fervilhava de crianças em busca de aulas de dança e práticas esportivas promovidas por um projeto social liderado por sua avó adotiva: o Círculo dos Amigos do Menino Patrulheiro (o Camp/Mangueira).

Paulo Henrique Rodrigues da Silva nasceu em Manaus, estado do Amazonas, em julho de 1968. Seis meses depois, desembarcou em terras cariocas com os seus pais que buscavam uma nova vida no centro do país. O bebê foi registrado no Rio de Janeiro, cidade que constou como seu local de nascimento na certidão emitida pelos órgãos oficiais. Alice de Jesus Gomes Coelho, a Tia Alice, trabalhava como enfermeira no Hospital Gama Filho em Piedade. No ambiente hospitalar, aproximou-se da família recém-chegada à cidade e se tornou uma grande amiga, conselheira e avó adotiva de Henrique e seus irmãos.

Henrique passou seus primeiros anos de vida com seus pais no bairro de Pilares, na zona norte carioca. Por ter chegado recém-nascido no Rio, Henrique avaliava que seu pertencimento regional estava integralmente associado à capital fluminense, local dos seus anos de formação na infância e na juventude: ele se considerava um carioca. Mais tarde, a família se mudou para a região da Praça da Bandeira na Tijuca, nas proximidades das quadras de samba da Mangueira, da Vila Isabel e da Estácio de Sá. Tia Alice, sempre mobilizada com os anseios da juventude das classes populares no entorno do morro, o apresentou às atividades artístico-esportivas. No projeto que ela idealizou, que fora o gérmen da Vila Olímpica da Mangueira, as crianças recebiam reforço escolar, praticavam atletismo e jogavam esportes coletivos, além das aulas básicas de dança brasileira:

jongo, maculelê, frevo, forró, maracatu e, claro, o samba no pé.

O menino tinha aptidão para a dança. Seu irmão mais velho, Esteves, envolveu-se com a percussão das baterias das escolas de samba e passou a frequentar a Estácio de Sá na mesma época. Anos depois, ele se tornou diretor de bateria da vermelha e branca, fazendo parte da bateria de Mestre Ciça, campeão em 1992 na mesma escola com o enredo que se tornou um clássico do carnaval, “Paulicéia Desvairada, 70 Anos de Modernismo”.

Os primeiros onze anos de carnaval, todos eles desfilando pela Mangueira, marcaram o final da infância e o início da juventude de Henrique. A paixão pelo carnaval, estimulada por Tia Alice, foi tamanha que ele passou a desfilar todos os anos numa sequência que só se interrompeu onze anos depois, em 1990, devido a sua migração para outro país. Henrique manteve-se fiel ao verde e rosa de Mangueira de Tia Alice, mesmo que quase toda a sua família tenha adotado a Estácio de Sá como local de lazer e participação comunitária. Ele partiu para o exterior naquele ano em busca de melhores oportunidades no início de sua vida adulta. A despedida do Rio de Janeiro e do carnaval, que ele imaginava ser em definitivo, não concordava com o seu destino dali a alguns anos: ser o comandante da maior escola de samba da Europa.

Este ensaio biográfico foi pensado em conjunto entre os pesquisadores, Ulisses e Fabiana, com a participação entusiasmada de Henrique da Silva pelo seu resultado. Os autores produziram duas pesquisas acadêmicas independentes sobre o carnaval de Notting Hill e a agremiação comandada pelo biografado em suas passagens pelo Reino Unido. Entre 2014 e 2015, Ulisses produziu uma etnografia em Londres com o grupo carnavalesco de Henrique, que resultou em sua tese de Doutorado em Antropologia Social (Duarte, 2016). Fabiana fez seu pós-Doutorado em História, no King's College em 2017, ao pesquisar o carnaval da cidade e a participação brasileira numa das maiores festas a céu aberto da Europa.

Fizemos a opção de remontar a trajetória de vida de Henrique a partir dos nossos materiais obtidos nas pesquisas em diferentes épocas. Os pesquisadores entraram em contato entre si por intermédio e incentivo de Henrique que, mais uma vez, fez a mediação entre pessoas que não se conheciam anteriormente para a produção coletiva de novos trabalhos potencializados pelo cruzamento de suas áreas. Desde a época de nossas respectivas pesquisas, retornamos ao Brasil. Entretanto, ficamos em contato permanente com as produções artísticas de Henrique no Reino Unido e abrimos um intenso diálogo sobre o fenômeno das escolas de samba londrinas e do continente europeu.

Para a produção deste texto em específico, produzimos mais uma longa entrevista em outubro de 2021, desta vez à distância, focada na vida do biografado, sua formação no Rio de Janeiro e sua dedicação ao samba ao longo das décadas. Nossa opção foi por produzir um texto mais fluido e que desse enfoque à vida do sambista a partir de nossos olhares de pesquisadores, engajados na área temática do samba e do carnaval através da perspectiva acadêmica, a partir das realizações de Henrique para a cultura brasileira no Reino Unido.

Outra preocupação que tivemos foi a de possibilitar que o texto pudesse ser lido pelo maior número de pessoas interessadas, com a chance dele circular entre os participantes do mundo do samba entre Londres, o Brasil e a Europa, o que está traduzido numa narração em terceira pessoa mais concentrada no personagem e, em segundo plano, em histórias paralelas de outros atores e fatos importantes para o samba londrino desde a chegada de Henrique naquele país.

Ao longo dos anos, Henrique da Silva colecionou fundamentais parceiros em sua epopeia cultural através do samba no exterior, além de fatos marcantes vividos por uma comunidade de sambistas formada na Inglaterra. Fatos esses que deverão ser narrados numa biografia própria

da história de sua agremiação, obra ainda a ser escrita, que se tornou um dos grandes desejos de Henrique para os próximos anos: fixar a história e as memórias de sua agremiação numa publicação específica.

O saber carnavalesco e a arte do Brasil no exterior

As possibilidades de uma vida melhor para Henrique no Rio de Janeiro não eram tão animadoras nos seus vinte e dois anos de idade. Ele tinha encerrado um estágio no Banco Nacional, e havia realizado alguns trabalhos esporádicos como auxiliar de produção nas apresentações musicais da cantora Alcione, por indicação de sua avó adotiva que era muito amiga da cantora. Por sua própria vontade, ele iniciou um curso de inglês na Tijuca aos sábados, e preocupado com um longo período de dificuldades financeiras para seguir no Rio, começou a pensar numa futura migração.

Henrique ansiava por mais chances profissionais ao idealizar outros caminhos para melhorar suas condições materiais e de sua família. Ele considerava o Brasil como um país que dificultava a ascensão social dos filhos das camadas populares no final da Ditadura Militar (marcado pelo processo de redemocratização na década de 1980), e que dificilmente permitiria um avanço mais rápido das camadas subalternas a uma vida digna. Por isso, ele fez alguns cálculos dentro de seu campo de possibilidades (VELHO, 2012), e decidiu por um projeto individual a partir de suas experiências e interações com alguns amigos, que também haviam decidido partir do país. O Brasil apresentava altos índices de desemprego e índices inflacionários incontroláveis, naqueles anos de grandes transformações políticas.

Em um primeiro momento, seu desejo era de rumar aos Estados Unidos. Viver o sonho americano, como ele via nos filmes e nas notícias dos

telejornais na adolescência. Com um grande amigo dos tempos da escola, que também viera com sua família do norte do país ao Rio de Janeiro, Henrique passou a considerar a possibilidade de uma viagem para Londres. E existia um facilitador: aquele amigo tinha um irmão mais velho que já havia emigrado para a capital inglesa. Ao menos um alojamento temporário estava garantido. E foi mesmo para a Inglaterra que ele seguiu em 1990, planejando um período experimental de alguns meses, que acabou se estendendo indefinidamente.

Importante destacar que Henrique considerava-se mestiço, como categoria étnico-racial de autoidentificação, ou pardo, utilizado como categoria nas pesquisas estatais das agências oficiais brasileiras. Quando rumou para a Inglaterra, Henrique compreendeu que o pertencimento racial se dava de forma menos ambígua, de acordo com os critérios do contexto sociopolítico do lugar. As formas de definições de raça, na comunidade britânica, uniam grupos que se reconheciam a partir de uma identidade diferencial, demarcando os limites do grupo e identificando as categorias dos outros imputados como os diferentes (BARTH, 1998).

Henrique, definitivamente, não pertencia ao mundo dos brancos ingleses. No Brasil, ele percebeu muito cedo que não era visto como branco e nem negro completamente, assim como era uma norma implícita na sociedade brasileira, marcada pela desigualdade e pelos privilégios de raça ao diluir os mestiços de acordo com regras divergentes que passavam ao largo de critérios bem definidos de cor de pele. Entender os critérios pouco nítidos de raça no Brasil é conhecer um campo de hierarquização social, as tensões entre classes sociais e os privilégios entre os que são marcados por critérios de cor considerados negativos (SCHWARCZ, 2013).

Como migrante latino americano em Londres, Henrique passou a se identificar como negro, já que ele era definido como parte da população ligada às minorias étnicas pela maior parte dos ingleses (assim como africanos e caribenhos que habitam a cidade). A compreensão completa de sua inserção no campo das artes britânicas, a partir de sua afirmação de

negritude, só se deu a partir do momento em que retornou aos fundamentos de sua marcada brasilidade apoiada nas marcas afro-brasileiras: a dança, a religiosidade e a produção artística carnavalesca como veremos.

Os difíceis anos iniciais de Henrique em Londres, só o permitiu acessar trabalhos de remuneração precária. Com pouca intimidade com a língua inglesa, e com uma baixa reserva de dinheiro que ele trouxera na mala, as opções de trabalho eram restritas aos serviços de limpeza de casas, escritórios e serviços gerais em restaurantes. Depois de alguns meses de ambientação numa nova sociedade, Henrique passou a conhecer os lugares, os bares da moda e fazer algumas amizades. Rapidamente, suas habilidades na dança chamaram a atenção dos novos amigos.

Sua experiência anterior no Brasil, com o samba e as danças folclóricas nos projetos sociais de Tia Alice, foi a forma que ele encontrou para se destacar na vida londrina. Ascendeu a melhores trabalhos em bares noturnos, até chegar a ser *go-go boy*, os famosos dançarinos contratados pelas boates da cena noturna alternativa das metrópoles. Ao mirar o mercado da dança profissional na Inglaterra, ele passou a visualizar algumas chances de ser dançarino ao participar de testes para ingressar em companhias de arte, em contratos firmados para a participação em espetáculos musicais.

Seu envolvimento em grupos de dança o fez conhecer alguns brasileiros, como Maitê Oliveira – que se tornou uma grande amiga no samba –, coordenar grupos e espetáculos voltados aos ritmos brasileiros – como o “Brasil Tropicali”, “Brasil Pandeiro”, “Brazilian Way” e o “Viramundo” –, e entrar em contato com produtores do *show business* britânico. Numa das audições em que Henrique concorreu a uma vaga, ele foi aprovado para a realização de uma turnê internacional de uma grande banda pop de sucesso mundial. O ano era o de 1994, e Henrique rodou o mundo como dançarino de palco nos shows musicais do grupo britânico *Pet Shop Boys*, que havia alcançado um grande sucesso internacional naquele momento.

O trabalho lhe possibilitou conhecer países distantes e tão diferentes como a Cingapura, a Austrália e o México na turnê “Discovery”. Visitou o Rio de Janeiro com a turnê, e apresentou o mundo do samba aos dois artistas britânicos líderes da banda, Neil Tennant e Chris Lowe, em algumas noites nas quadras de escolas de samba cariocas.

Do carnaval brasileiro, restavam as saudades de casa e o sofrimento que o abalava a cada novo feriado de carnaval longe do Brasil, no inverno londrino. Quando o samba brasileiro parecia que havia desaparecido da vida de Henrique, já que ele havia se enraizado em Londres através da arte e da música pop, apareceu Alan Haymanⁱ, sul-africano e ativista cultural do samba no Reino Unido. Foi somente cinco anos após Henrique chegar em Londres que ele teve o primeiro contato com o carnaval de Notting Hillⁱⁱ, festival de carnaval inspirado nas festividades dos migrantes e descendentes das ex-colônias britânicas da região do Caribe, na América Central (as “Índias Ocidentais Britânicas”, as *British West Indies*). Diferente do hemisfério sul, onde os carnavais aconteciam sempre nos primeiros meses do ano, em Londres o festival era realizado no verão londrino, no mês de agosto, aproveitando um feriado nacional marcado na última segunda-feira do mês (o *summer bank holiday*).

Alan era presidente da Acadêmicos de Madureiraⁱⁱⁱ, grupo carnavalesco de samba sediado em Londres e inspirado nas agremiações brasileiras. Alan também havia sido um dos fundadores, no início da década de 1980, do primeiro grupo artístico da capital inglesa a partir da influência das escolas de samba brasileiras: a *London School of Samba* (LSS), que desfila até os dias de hoje com as cores da verde e branca da zona oeste carioca, a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 1994, Alan organizava uma ala para o desfile de uma das maiores masquerades bands^{iv} do festival de Notting Hill, a *Mahogany Mas Band*. Henrique fez sua primeira participação no carnaval de Londres como passista, em um grupo convidado que trazia a performance da dança do samba dentro do desfile da agremiação caribenha.

Foi somente em 1997 que Henrique retornou ao carnaval de Notting Hill, desta vez levado pela Maitê de Oliveira, sua parceira nos grupos artísticos desde a sua chegada na Inglaterra. Maitê estava muito envolvida com os grupos artísticos que desenvolviam o samba na Europa, e desfilava como destaque de chão na London School of Samba. Henrique fora convidado por ela para que ajudasse a agremiação a melhorar sua performance artística, tanto no campo do samba, o corporal-rítmico (sua música, dança, técnica corporal), quanto nas tentativas de aprimoramento dos aspectos plástico-visuais do grupo carnavalesco, como o trabalho com as fantasias e as pequenas alegorias no campo do visual (CAVALCANTI, 1999). A London, naquela época, esforçava-se para se equiparar aos parâmetros das artes carnavalescas brasileiras, e Henrique assim que chegou ao grupo deu-se conta de que poderia transformar a primeira agremiação de samba da cidade numa referência cultural em artes brasileiras na ilha da Grã-Bretanha.

Henrique, em pouco tempo frequentando a London School of Samba (LSS), passou a coordenar a área artística de preparação para o desfile anual. Seu maior desejo era de reproduzir nas apresentações da London o mais fidedigno desfile de uma escola de samba brasileira possível: desde a escolha de um enredo anual, a organização de alas com fantasias padronizadas, as alas especiais – como a comissão de frente, as baianas e a ala de passistas – e a confecção de carros alegóricos e seus adereços. A agremiação, que era organizada a partir de um conselho de sambistas ingleses, desfilava apenas com bateria percussiva sem fantasia (apenas com camisetas alusivas à escola), uma bandeira e um pequeno grupo de destaques de chão, os passistas. Para a tarefa de incrementar a estrutura da escola, Henrique deveria reinventar a direção artística da instituição.

Nos seus tempos de garoto em Pilares, Henrique e seu irmão Esteves ajudavam, com frequência, um casal de vizinhos. Dona Darcy e Seu Carlitos produziam festas infantis em um ateliê improvisado em casa, e por lá eles

ensinavam os garotos a moldar em isopor, decorar e desenhar. Essa oficina de produção caseira é considerada por Henrique como seu primeiro ateliê com materiais de decoração, algo que o estimulou a trabalhar com o carnaval.

Sua segunda fase de aprendizado foi na década de 1980, Tia Alice era uma das coordenadoras da escola de samba mirim Mangueira do Amanhã. A cada carnaval, a casa de Henrique se transformava em mais um espaço de produção visual na preparação das escolas de samba; e ele ajudava Tia Alice, com muito interesse, nos seus esforços de produzir os carnavais das crianças.

Figura 1: Henrique da Silva e Tia Alice no desfile da Mangueira (década de 1990).



Foi na escola de samba do Engenho da Rainha que Henrique ganhou muita experiência na preparação para um desfile de carnaval do Grupo de Acesso do carnaval carioca. Sua avó adotiva também foi diretora desta agremiação na zona norte da cidade. Por lá, Henrique desenvolveu seus primeiros trabalhos na confecção de alegorias e fantasias. Tia Alice o incentivava a esculpir, traçar desenhos de protótipos de fantasias de alas, adereçar e

reformatar alegorias.

Na época, a Engenho da Rainha produzia seus carnavais com partes de carros alegóricos e materiais reciclados doados por escolas de maior envergadura, como a Caprichosos de Pilares e a Mangueira. Henrique aprendeu nessa época a arte da reciclagem e do fabrico de um carnaval com recursos utilizados em anos anteriores, o que ele viria a repetir em Londres no aproveitamento dos escassos materiais que por lá chegavam do Rio de Janeiro por transporte aéreo, trazido por sua comitiva carioca anual ao carnaval de Londres.

A arte do improvisado - a arte da sucata - apresenta-se como a possibilidade de o artista construir seu sistema de produção subjetivo com o controle dos códigos e das formas de uso imaginadas do fazer, para provocar uma renovação dos sistemas culturais nas atividades e na manipulação dos materiais para a obtenção de um produto final, de acordo com a inventividade dos criadores em suas práticas cotidianas (DECERTEAU, 2008). As experiências na preparação de festas e carnavais de médio porte no Rio de Janeiro influenciaram a forma de fazer de Henrique, na sonhada composição de uma escola de samba completa em Londres. Para isso, diferentes usos e manipulações dos arranjos culturais na readequação de ideias, nas formas dos usos e dos objetos improvisados eram considerados estratégias possíveis para subverter a escassez de recursos que lhe era imposta pela ordem do lugar, um sistema cultural distante do contexto sociocultural do carnaval brasileiro e seus recursos abundantes.

De 1997 a 2001, Henrique participou da London School of Samba, e focalizou seus esforços na organização da escola de samba segundo as regras e convenções dos grupos carnavalescos cariocas, segundo o que ele havia vivenciado no Brasil no passado. Ele definiu um pouco melhor os enredos anuais, montou as alas, criou a comissão de frente e realizou o primeiro concurso de escolha da rainha de bateria (evento que se tornou o ápice do pré-carnaval nas agremiações de samba londrinas). Do Brasil,

ele trouxe seu irmão Esteves para morar na cidade com o objetivo de organizar a bateria de percussão e aproximar o ritmo tocado nas ruas londrinas com a sonoridade das baterias cariocas.

Com a sua influência e dedicação, a London montou um projeto artístico completo para cada carnaval e passou a receber patrocínios do Arts Council, órgão estatal britânico de fomento na área da cultura. Com o gradual crescimento da escola de samba inglesa, algumas divergências internas de Henrique com o comitê administrador do grupo carnavalesco seguiu para um grave impasse que gerou um grande desgaste e a definitiva ruptura. Henrique, mesmo não sendo remunerado para a função, enfrentou oposição e concorrência no controle artístico do projeto visual de carnaval. Com a ala da bateria e os diretores britânicos, suas desavenças eram em torno dos ritmos executados. Henrique entendia que uma Escola de Samba deveria tocar exclusivamente sambas-enredos, mas os diretores britânicos preferiam mesclar nos ensaios e apresentações ritmos latinos diversificados. Esteves, quando assumiu a bateria da London School of Samba, fez uma série de alterações no formato do grupo, na organização dos instrumentos e no repertório musical para aproximar do formato percussivo carioca.

A gota d'água para o rompimento definitivo de Henrique com a direção da agremiação ocorreu no início do novo século. No ano 2000, eles haviam vencido um concurso de figurinos para uma exposição em Londres retratando a virada do milênio, a *Millenium Experience*, numa nova arena construída, a *Millenium Dome* (atualmente, a *O2 Arena* no bairro de Greenwich). O evento deu ampla visibilidade para a agremiação de carnaval, além de um aumento importante no patrocínio para o desfile anual de Notting Hill.

Em 2001, com as reciclagens e reformas dos figurinos daquela exposição, Henrique definiu para a London School of Samba um enredo futurista que levou a agremiação à conquista do vice-campeonato na competição geral

dos grupos carnavalescos, algo inédito se tratando das escolas de samba (os vencedores eram exclusivamente as masquerades bands). O comitê gestor da London School of Samba reuniu-se no final daquele ano e cortou a maior parte dos auxiliares de produção artística de Henrique. Novos membros tinham sido eleitos para trabalhar com o carnavalesco brasileiro. Numa decisão dos conselheiros com direito a voto, Henrique foi barrado da escolha do enredo que seria aprovado para o próximo ano.

Com a decisão da direção da Escola de Samba em negar seus pedidos por autonomia organizacional e liberdade criativa, Henrique colocou seu cargo à disposição naquela reunião. No mesmo período, Esteves se mostrava insatisfeito com o trabalho na bateria, e começou a idealizar a fundação de uma nova Escola de Samba em solo londrino. Poucos meses depois, surgiu a *Paraíso School of Samba*, registrada a quatro meses dos desfiles de carnaval em Notting Hill. Um ano depois, Esteves voltaria ao Brasil, em definitivo, deixando a nova agremiação sob os cuidados e a administração de Henrique. Assim começava o projeto da mais imponente escola de samba europeia nos dias de hoje.

Paraíso é samba e samba é Paraíso

Desde que começou a participar do carnaval de Notting Hill, Henrique tinha por meta principal o aperfeiçoamento da forma artística das escolas de samba em Londres (DUARTE, 2016). Seu desejo era de aproximar sua experiência de carnaval vivida no Rio de Janeiro a sua nova agremiação, dadas suas experiências na Mangueira, na Estácio de Sá, no Engenho da Rainha e nas escolas de samba mirins. Ele vislumbrou uma gradual e incessante evolução na qualidade visual do desfile, num incremento quantitativo do número componentes e no aperfeiçoamento dos aspectos plástico-visuais. Ao se desligar da London School of Samba, Henrique e Esteves prepararam a formação de seu próprio grupo carnavalesco.

Assim, na terça-feira, dia 23 de abril de 2002, dia de São Jorge, a nova escola foi fundada no Bar Lorca em Brixton: a *Paraíso School of Samba*. Estavam no local o presidente da bateria, Mestre Esteves, irmão de Henrique, e alguns apoiadores do novo projeto, como: Alex Davey, na produção dos figurinos para o carnaval; Francesca, a primeira Baiana; e os representantes das primeiras alas, Maryan da Ala Brazil, Jean da Ala Xingu e Howard da bateria. Na mesma noite, ainda seriam apresentadas as fantasias de mestre-sala e porta-bandeira, das passistas e da comissão de frente - que vinha representando a Fênix, o símbolo da nova escola de samba londrina.

A Paraíso School of Samba planejou para o seu primeiro desfile carnavalesco de Notting Hill o tema enredo: "Paraíso é Samba e Samba é Paraíso", uma exaltação à fundação da agremiação e ao samba brasileiro. O enredo foi uma ideia de Richard Galbraith, cônjuge de Henrique, um importante apoiador da Paraíso. Richard é britânico, e se tornou imprescindível nos trabalhos administrativos e contábeis, assim como na preparação de projetos e em sua aplicação nos editais para os patrocínios anuais no carnaval de Notting Hill abertos no Conselho de Arte inglês (o *Arts Council England*). Richard e Henrique vivem numa casa repleta de documentos, fantasias e coisas de carnaval, transformada numa espécie de sede administrativa da Paraíso. Richard seria essencial na organização formal da escola de samba nos anos que demandaram seu gradual crescimento e expansão.

No primeiro carnaval da Paraíso, Henrique não desenhou as fantasias baseadas na pesquisa de seu enredo, assim como ele fazia na London School of Samba. Ele reciclou o material que tinha armazenado em um depósito pessoal, e formou alas e fantasias para destaques de forma improvisada. A estratégia de confecção de fantasias por reciclagens e adaptações de materiais usados continuou sendo a fórmula encontrada até o ano de 2005, ano que a Paraíso conquistou seu primeiro patrocínio.

Com os primeiros subsídios, e a escola de samba já consolidada no carnaval de Notting Hill, Henrique passou a produzir todos os desenhos de seus figurinos de alas e contratar ateliês do Rio de Janeiro para a confecção de seu projeto visual, aumentando a qualidade de sua produção visual.

O samba enredo do primeiro desfile da escola tinha como função apresentar a Paraíso School of Samba pela primeira vez no circuito do carnaval de Notting Hill. O samba foi criado por Esteves e Alex do Cavaco, cavaquinista da Estação Primeira de Mangueira. Da mesma forma, desde sua fundação a Paraíso definiu qual seria o seu santo padroeiro, assim como suas cores predominantes. Apesar da forte referência à Mangueira, escola de samba que marcou a vida de Henrique, seriam o vermelho e o branco, cores da Estácio de Sá de Esteves, que predominaram na bandeira da Paraíso. O santo padroeiro escolhido foi São Jorge, Ogum no sincretismo religioso, que também faz referência ao santo padroeiro da cidade de Londres, *Saint George*.

Henrique da Silva é um grande devoto dos orixás. Filho de Iansã e Logun Edé, antes de lançar pela primeira vez a escola de samba pelas ruas de Londres, ele solicitou um ritual ao seu pai de santo no Brasil para a proteção da agremiação. Em sua casa, no bairro de Primrose Hill no oeste de Londres, ele possuía um altar organizado para cultuar sua religião de matriz afro-brasileira.

Henrique também optava por fazer toda a escola de samba cantar o samba enredo em português pelas ruas de Notting Hill. No site oficial da escola, a direção sempre inseria uma tradução para o inglês da letra do samba do ano, para que os componentes da escola provenientes de outros países - a maioria de língua inglesa -, pudessem compreender o que estavam cantando, assim como a história que estaria sendo narrada pelas fantasias e alegorias no desfile de carnaval.

Figura 2: Henrique da Silva no desfile da Paraíso em 2014



Manter uma escola de samba e produzir um desfile pelas ruas de Londres durante o carnaval de Notting Hill, a maior festa de rua da Europa, é uma tarefa complexa. Em boa medida, a apresentação e o espetáculo promovido pelos grupos no circuito carnavalesco só são possíveis porque há um aporte financeiro dos órgãos governamentais ingleses.

No caso da Paraíso School of Samba, os contratos anuais de patrocínio público recebidos são de suma importância para que ela consiga manter sua estrutura de carnaval: o aluguel de um barracão específico para a produção dos carros alegóricos e o depósito das fantasias em outro ponto da cidade; a van que carrega os instrumentos de percussão e que é utilizada também nos trajetos para os shows e apresentações; além do aluguel das salas que são utilizadas para os dois ensaios semanais, através das aulas práticas, e o pagamento dos professores. As aulas de samba são pagas mensalmente pelos sócios da escola que contribuem ao mês, e têm direito às aulas de samba em duas categorias: dança e percussão. Além disso, a participação da agremiação em eventos e festivais pelo Reino Unido e no continente europeu ajudam a pagar os custos de manutenção da agremiação, além de viabilizar a vinda de artistas e músicos brasileiros para o carnaval em agosto.

A Paraíso School of Samba, desde o seu surgimento, iniciou um diálogo profícuo com artistas e músicos brasileiros. A cantora Alcione chegou a se apresentar em Londres por conta de uma parceria com a escola de samba. Quem a acompanhou nos shows realizados nas casas de espetáculo do país foram músicos brasileiros que viviam na Inglaterra. Alcione também colaborou com a Ala das Baianas e foi a responsável pelos trajes da Ala das Crianças e da Comissão de Frente da Paraíso.

Também foram parceiros da Paraíso, e atuaram como intérpretes e compositores alguns importantes sambistas do carnaval carioca, tais como: Leandro da Mangueira, Serginho do Porto, Alex do Cavaco, Dominginhos do Estácio, Bruno Ribas, Gilson Bernini, Júlio Alves, Alexandre Moraes, Hugo Bruno, Gilberto Gomes e Wantuir. Para a composição do samba enredo anual, a escola enviava ao compositor e os intérpretes escolhidos, no Rio de Janeiro, a sinopse do enredo da escola para a criação do samba, que acabava por ser composto e gravado no Brasil e enviado pelas redes digitais.

Após a gravação realizada, os membros da escola de samba - sendo a maioria composta por membros que tinham o inglês como sua primeira língua - deveriam aprimorar o canto do samba em português. Os dois ensaios semanais eram espaços próprios para aprender a cantar o samba enredo, assim como a bateria, que ensaiava ao vivo junto ao corpo de dança, promovia seus ajustes e os arranjos do samba enredo na preparação para o próximo carnaval.

Martinho da Vila chegou a ser um dos homenageados na escola em 2006; Dudu Nobre fez um show com a Paraíso em 2009 em Londres; e Milton Cunha participou do desfile em 2016 como homenageado da escola. Em quase vinte anos desfilando no carnaval de Notting Hill⁹, a Paraíso sempre buscou enredos que propunham diálogos com a comunidade local, a caribenha e, claro, a brasileira, em temas que iam da Amazônia, o Rio de

Janeiro, o samba de Mangueira, o Cinema e o Teatro, as Olimpíadas de Londres em 2012 e o Mundo do Chá (a bebida adotada, historicamente, pelo hábito dos ingleses na era colonial).

Com o objetivo de ter um desfile o mais similar possível ao das escolas do Rio de Janeiro, Henrique criou uma estrutura de desfile já no seu primeiro ano (o organograma de uma escola de samba) comparável ao das escolas de samba cariocas, algo que não era comum na Europa em sua época: uma comissão de frente, um carro alegórico abre-alas e um conjunto alegórico (três a quatro alegorias), um casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, uma ala de passistas, uma bateria de percussão com os instrumentos básicos exigidos e cerca de oitenta componentes - divididos nos naipes de chocalho, cuíca, tamborim, caixa de guerra, repinique, surdos de primeira, segunda e terceira. Também havia uma ala das baianas, uma ala velha guarda e uma ala de convidados.

Uma competição entre os grupos carnavalescos associados à organização do carnaval de Notting Hill segue existindo. Existem os grupos carnavalescos no formato de masquerades bands, que disputavam em cinco diferentes categorias - *Modern Contemporary*, *Historical*, *Fun Fantasy*, *Traditional*, *Dutty Mas*. Há outras competições entre as demais formas artísticas, como as *Steel Bands*, os grupos de *Calypso*, os *Sound Systems* e as *Brazilian Bands* (os grupos que compunham as formas artísticas do carnaval brasileiro). Na atualidade, o carnaval de Notting Hill é organizado por uma empresa formada para a representação dos grupos de carnaval, a Carnival Village Trust (CVT).

Além das subdivisões nas categorias citadas, havia uma categoria geral que englobava todas as categorias de carnaval e seus respectivos grupos. Esta categoria promovia uma classificação geral unificada, na qual as masquerades, as steel bands e as escolas de samba do circuito de rua do carnaval disputavam o mesmo prêmio. A competição geral era a mais significativa de Notting Hill, o grupo vencedor seria reconhecido como o

melhor grupo carnavalesco do ano. As masquerades bands compunham o maior número de grupos cadastrados para desfile, e venciam em todos os anos a categoria geral do carnaval até o carnaval de 2005, quando a Paraíso venceu pela primeira vez na categoria geral. Em 2014, a agremiação conquistou o bicampeonato, um feito considerado muito importante para a solidificação da marca Paraíso no carnaval londrino.

Os grupos caribenhos compunham as diretorias das Associações de Carnaval que eram criadas e modificadas com frequência ao longo das décadas. Estes grupos detinham o domínio político do evento e da história dos movimentos de resistência em defesa da festa naquela região da cidade. O festival não era consenso entre os britânicos. Todos os anos, uma campanha de pessoas contrárias à existência carnavalesca em Notting Hill movimentava uma parte dos moradores do bairro e algumas lideranças políticas que mantinham uma oposição ferrenha ao carnaval, num histórico processo de cancelamentos, lutas e sublevações populares entre os grupos envolvidos e os opositores. Os detratores denunciavam os problemas estruturais do evento: falta de banheiros e limpeza urbana, piora nos índices de segurança, e os grandes problemas no trânsito. Os representantes da festa, por outro lado, denunciavam o preconceito contra o festival e a segregação britânica em face dos descendentes de caribenhos na cidade (COHEN, 2013).

Henrique, desde os primeiros anos da Paraíso, mesmo sem possuir grande força política dentro das associações, propôs-se a quebrar o grande monopólio das formas artísticas caribenhas no carnaval londrino. Apostava que as escolas de samba de modelo brasileiro poderiam expandir o seu público e ganhar muito prestígio na Inglaterra, quebrando a sequência de vitórias das masquerades bands, e trazendo ao carnaval britânico um outro tipo de arte popular.

No entanto, há muitas diferenças entre o desfile no sambódromo carioca e o circuito do carnaval de Notting Hill em Londres. No Rio de Janeiro,

desde 1984 temos um espaço que foi construído para abrigar os desfiles de carnaval, o sambódromo da Marquês de Sapucaí, e há uma extensa organização na preparação do desfile, com o comando da Liga das Escolas de Samba (LIESA). Há uma ordem para o desfile das escolas de samba já definida com grande antecedência ao carnaval, assim como um tempo mínimo e máximo de duração do desfile, com a cronometragem das apresentações.

O Carnaval de Notting Hill não possui essa estrutura, não há uma ordem ou um roteiro prévio da apresentação dos grupos, nem cronometragem. A grande preocupação dos grupos carnavalescos brasileiros em Londres é de sair antes dos grupos de *Steel Bands*, que com suas potentes caixas de som, e sua passagem mais lenta pelas ruas do bairro, acabam inviabilizando a qualidade e a potência do sistema de som instalado pelas escolas de samba em seu conjunto. Não há um sistema de som no circuito, e também não há iluminação artificial, por isso as apresentações ocorrem nos períodos da manhã e da tarde.

Além disso, em grande parte do percurso não há grades de proteção e as pessoas que assistem aos desfiles das calçadas muitas vezes acabam por invadir o espaço de desfiles, o que dificulta a passagem e a apresentação dos grupos de carnaval. A Paraíso tem uma proposta mais visual, coreográfica, pautada no modelo do desfile carioca, e faz questão de contratar um grupo de apoio para fazer a separação dos seus componentes ao público espectador. O público em muitas ocasiões não entende essa divisão, tentando se infiltrar em meios às alas e subir em carros alegóricos.

No final de semana do desfile, a Paraíso monta uma estrutura improvisada em um estacionamento próximo ao circuito de carnaval. Henrique e os apoiadores da escola levam os carros alegóricos para o local, finalizam as pinturas, a colocação das esculturas e a arrumação dos carros para o desfile que acontece sempre na manhã de segunda-feira, no feriado

nacional de verão. Os componentes da Paraíso utilizam o espaço para os ensaios finais de bateria e das alas reunidas. A Paraíso também aluga a sede de uma associação de bairro, o *Dalgarno Community Centre*, a algumas quadras do estacionamento das alegorias, como ponto de apoio para a preparação da escola, utilizado como ponto de encontro, de alimentação, maquiagem e vestimenta dos componentes no final de semana de carnaval.

O desfile no percurso de Notting Hill chega a durar de quatro a cinco horas em média. Em alguns anos, já foi ultrapassada a marca de seis horas de desfile. A escola de samba, ao entrar no circuito, passa por viadutos, dobra esquinas, entra em avenidas mais largas e em travessas mais estreitas, fazendo uma volta quase completa no perímetro do bairro em festa, e em meio à multidão. Tudo isso carregando suas alegorias e o seu próprio sistema de som por quilômetros afora (composto por um carro de som, um gerador de energia e caixas de som instaladas no interior dos carros alegóricos). O posto onde fica localizada a única cabine de jurados da organização, e o único lance de camarotes com visão privilegiada dos desfiles, fica posicionado no final do primeiro terço do trajeto. Assim que a Paraíso atravessa o ponto da cabine de jurados, seu desfile se torna mais fluido e os componentes mais espontâneos e bem menos nervosos com a passagem do ponto de avaliação.

Quando algum grupo carnavalesco interrompe seu desfile, ou possui algum problema para se deslocar, todo o corpo de desfile da Paraíso permanece no mesmo lugar aguardando o fluxo seguir em frente. O desfile se dá num ritmo constante de pausas e interrupções. Desta forma, os músicos da Paraíso conseguem executar um vasto repertório de sambas enredos históricos das escolas de samba brasileiras ao longo de seu trajeto, reservando o samba enredo do ano na agremiação para a cabine de jurados e alguns momentos de ápice do desfile, nos pontos já conhecidos de grande concentração popular.

Depois de um longo e extenuante desfile, a Paraíso encerra seu carnaval partindo para a sede do clube alugado naquele final de semana, o ponto de encontro oficial no pós-desfile: a celebração é realizada com roda de samba, comida brasileira, e uma animada confraternização entre os componentes da Paraíso e os convidados brasileiros. A festa não tem hora para acabar.

O Brasil do carnaval em Londres e a ascensão do samba na Europa

A Paraíso School of Samba, desde sua fundação em 2001, conseguiu reunir brasileiros que viviam em Londres, britânicos interessados no aprendizado do samba e pessoas de outras nacionalidades que buscavam a aproximação de duas das principais referências da cultura brasileira do país: o samba e o carnaval das escolas de samba. As agremiações do carnaval brasileiro, fato cultural muito singular da história cultural do Brasil, conquistaram posições de destaque como referências do país e, ao se consolidarem ao longo do século XX, como um dos principais símbolos de brasilidade.

O processo histórico que formatou a identidade brasileira moderna, relacionando estratos sociais díspares e promovendo uma harmonização de contrastes, desenrolou-se ao longo das primeiras décadas do século passado após o advento da República na antiga capital federal, a cidade do Rio de Janeiro (CUNHA, 2004). As escolas de samba, invenção da cultura carnavalesca carioca, tiveram seu embrião gestado no carnaval dos ranchos, cordões e blocos de rua, se espalharam pelo Brasil e foram levadas ao exterior a partir dos movimentos migratórios brasileiros do último século, desde as fronteiras com os países vizinhos da América do Sul (DUARTE, 2021) até chegar a outros continentes.

Sabemos que existem múltiplas manifestações culturais brasileiras produzidas no exterior, como as artes plásticas, os grupos de maracatu, o forró e os compositores da música erudita e popular, tais como os clássicos Villa-Lobos e Antônio Carlos Jobim. Entretanto, nenhuma destas manifestações artístico-culturais atingiu a mesma capacidade do samba de sintetizar e promover o retrato cultural do Brasil como gênero musical, e das escolas de samba enquanto desdobramento artístico do gênero organizado para o carnaval: a festa popular brasileira de maior visibilidade no exterior.

Nos contatos que Henrique da Silva realizou nos trabalhos com a dança pop, ele conheceu brasileiros que levavam a vida como músicos, percussionistas e dançarinos na cidade. Foi assim que ele percebeu o enorme potencial do samba como gênero musical e estilo de vida possíveis de serem trabalhados a partir das experiências locais, aliados aos projetos culturais nas artes urbanas londrinas e o crescente interesse pelo complexo cultural brasileiro, envolvendo a intensa busca pela música e pela cultura brasileira na cidade. O interesse pelo Brasil aumentou consideravelmente na década em que o Brasil sediou megaeventos esportivos: a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Henrique era mestre em promover redes de trocas e de abertura de espaços para todos os adeptos do samba, independente da nacionalidade do candidato à sambista e de suas habilidades artísticas. O interessado no samba era incentivado a buscar informações, aprender os fundamentos, viajar ao Brasil, aprender a língua portuguesa, num ambiente de transformações e adaptações culturais próprias das migrações, diásporas e deslocamentos dos sujeitos em busca da tradução cultural da diferença (BHABHA, 2011). Como um mediador entre mundos, o mundo do samba carioca e o nascente samba de escola atualizado para um contexto sociocultural bastante distante na Europa, Henrique montou uma equipe de apoiadores que tornaram sua tarefa mais próxima à sua pretensão de

fidelidade ao modelo de carnaval brasileiro.

Com a missão de produzir o “Real Rio Samba in London”, o real samba do Rio de Janeiro em Londres - o slogan da Paraíso -, Henrique contou com grande apoio de importantes parceiros: Maitê Oliveira, Alex Davey e Patricia Day, que estiveram por longo tempo junto a ele no mundo da dança e do carnaval; Jorge Batista (o Jorginho) que tocava percussão e dava aulas de dança e de capoeira; André Amorim e Fred do Salgueiro; que mais tarde seriam grandes parceiros na preparação dos carnavais da Paraíso em várias funções artísticas. Ainda houve a participação de britânicos no projeto de crescimento do projeto da Paraíso, que cobria todo o calendário anual com eventos e aulas de samba desde a sua fundação em 2002: Martine Henry, Jayola Disu e Amanda Peck; assim como Damien Manning, Lian Pattinson, Dave Willetts e Jez Wiles na bateria de percussão.

No continente europeu, existem muitos grupos que se autodenominam escola de samba (*school of samba*). A grande maioria destes grupos somente se apresenta com uma bateria de percussão e alguns dançarinos nas suas apresentações, os passistas. Algumas vezes, esses grupos possuem porta-bandeira, e os componentes utilizam fantasias de carnaval para compor o show. No Brasil, este tipo de grupo dificilmente é reconhecido como uma escola de samba, sendo preferencialmente denominado como bloco de carnaval, batucada ou grupo show para eventos. O repertório destes grupos normalmente mescla ritmos variados da América Latina, com uma grande quantidade de grupos de percussão que fazem referência aos diferentes ritmos brasileiros, não só o samba de carnaval. Portugal, França, Alemanha, Finlândia e Suíça são países europeus com boa presença de grupos de samba deste tipo, com calendário de eventos de samba e carnaval, muitos deles compondo associações culturais ou em parcerias com centros de estudos universitários ligados aos temas da América Latina.

O objetivo fundamental de Henrique com a Paraíso é o de solidificar a

presença brasileira na Europa a partir da reprodução mais similar possível das agremiações carnavalescas, na forma artística específica do carnaval do Rio de Janeiro, sem alterações substanciais ou faltas graves que possam descaracterizar de forma acintosa o que deve ser considerado uma escola de samba brasileira por convenção. Na apresentação da Paraíso School of Samba no seu site da internet, a própria descrição da agremiação indica sua preocupação com uma noção ampla de autenticidade cultural do samba em seu novo contexto de reprodução:

A Escola de Samba Paraíso é a única organização no Reino Unido cuja direção artística é tomada por artistas que cresceram numa comunidade de samba no Rio de Janeiro, e que seguem de perto a autêntica estrutura e os objetivos das Escolas de Samba brasileiras, incluindo todos os seus principais elementos culturais. Como as Escolas de Samba brasileiras, nós tocamos o puro samba ao invés de seus derivados que geralmente são reproduzidos no Reino Unido. O contínuo envolvimento dos nossos principais artistas com as maiores Escolas de Samba do Rio de Janeiro nos assegura que a cultura do samba que trazemos para o Reino Unido não é unicamente autêntica, mas é atualizada com os seus últimos desenvolvimentos. É essa autenticidade que nos marca no Reino Unido^{vi}.

Henrique apostou, desde a fundação da agremiação, na fomentação de um estilo de vida baseado na forma artística idealizada de uma escola de samba brasileira para ser cultivada em Londres, independente das diferenças sociais, culturais, de língua e de costumes. Podemos pensar nos efeitos de reconstruir a nação e a identidade brasileira no Reino Unido numa era de globalização crescente. Das estratégias narrativas de imaginação do Brasil, na delimitação de sua identidade nacional para suas comunidades, presumimos que os grupos que se articulam em associações organizadas devem apostar em noções de identidade cultural, também no exterior, para promover valores e formas de sociabilidade em um grupo

bastante heterogêneo de sujeitos, como no caso de uma escola de samba com referências no carnaval brasileiro.

Os grupos mobilizados pelo samba no exterior constroem formas associativas baseadas em uma mistura cultural, um sincretismo de formas culturais e artísticas que nos levam a um caminho irreversível: as ações só fazem sentido no momento da tradução cultural, os significados não são mais fixados definitivamente, abrindo a possibilidade de apropriações e ambivalências no processo de globalização que se prolifera no mundo atual (Hall, 2009).

A proliferação e a disseminação de formas culturais híbridas e sincréticas não poderiam mais ser apreendidas no esquema onde as culturas eram sempre encurraladas dentro das fronteiras e das identificações nacionais estáveis. Enquanto a imposição simbólica de fronteiras nacionais e linguísticas, na vida cotidiana, ainda fragmentava os grupos em comunidades nacionais imaginadas. Dois processos opostos estavam em jogo: a homogeneização cultural, pelas forças dominantes baseadas na força do mercado cultural global; e o descentramento dos modelos ocidentais, numa disseminação da diferença cultural junto aos processos de padronização.

O espaço de atuação da Paraíso School of Samba em Londres estava inserido nesses dois processos articulados no mundo globalizado. A cultura popular havia se tornado uma forma importante e compartilhada na cultura global, e trazia a reboque os avanços da lógica mercantil e da espetacularização da cultura. Por isso, as indústrias culturais que penetram nos circuitos culturais locais na capital do Reino Unido mobilizam o Poder Público no reconhecimento e patrocínio do carnaval promovido por grupos artísticos que remetem à diferença cultural, dentro dos termos do multiculturalismo almejado.

O Caribe e o Brasil teriam a força e a coerência em suas manifestações e

em sua expressão artística consideradas autênticas, de acordo com o que se fazia nos seus países de origem, por isso eram expressões muito valorizadas. Ao mesmo tempo em que os espaços de produção de narrativas e afirmação das culturas da diferença no Reino Unido eram dispersos, policiados e regulados pelo Estado. Assim como é o carnaval de Notting Hill, incentivado pelo poder público e celebrado por parte da mídia televisiva como produto cultural, mas atacado por seus detratores, opositores na política e na vizinhança, e nas manchetes de jornal que frisavam as cenas de violência ao final da festa, por outra parcela da mesma mídia que fazia a cobertura.

A cultura popular das escolas de samba no mundo é dialógica, nunca binária, e imprescindível para a compreensão das formas híbridas da estética diaspórica. O discurso oficial da Paraíso remetia ao papel da produção da cultura popular ajustada na autenticidade de suas apresentações, que se diziam as mesmas das praticadas na forma artística idealizada das Escolas de Samba cariocas. O critério de autenticidade, que trazia a noção de cultura pura para os seus adeptos e sua audiência no carnaval, não levava em conta as sincronizações parciais, as alterações na forma, os engajamentos que atravessavam fronteiras culturais, as confluências de mais de uma tradição, as negociações entre posições dominantes e subalternas e a correlação do cultivo e sobrevivência de uma cultura carnavalesca diaspórica, como a da escola de samba Paraíso, combinadas às configurações culturais locais em Londres.

Nesse sentido, a prática cultural promovida pela Paraíso era integralmente híbrida. As culturas híbridas são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p.19). Não devemos entendê-la tão somente como a adaptação da forma artística ao contexto carnavalesco local, mas como um jogo entre as relações sociais e culturais que continha incorporação, distorção, resistência, negociação, mistura e recuperação.

A Paraíso dava conta de um movimento em que a estabilização de uma identidade cultural ligada ao critério de origem nacional fazia menos sentido devido à adesão de pessoas de diferentes origens e nacionalidades, com uma produção cultural bastante engajada ao longo do ano e das apresentações e carnavais vividos. Sua abertura para a comunidade carnavalesca no Reino Unido se articula em boa parte com a participação de não-brasileiros, muitos deles que nunca pisaram no Brasil e, mesmo assim, se consideram sambistas, construindo seu estilo de vida a partir dos fundamentos do samba apreendidos no circuito carnavalesco europeu.

Ao contarmos a trajetória de vida e os feitos realizados por Henrique da Silva, um pioneiro na configuração das escolas de samba na Inglaterra, podemos perceber a riqueza e as dinâmicas de transformação das culturas carnavalescas em movimento para além dos limites da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil. Compreendemos que as fronteiras da cultura do carnaval não são únicas, claras, muito menos fixas. Ao falarmos dos carnavais de escolas de samba no mundo, estabelecemos espaços abertos para contarmos experiências intersubjetivas, negociações político-culturais poderosas e redes de sociabilidade que se espalharam no exterior, distantes do sambódromo da Marquês de Sapucaí e do carnaval carioca, apesar de estarem com eles intimamente inter-relacionados.

NOTAS

- ⁱ Alan Hayman foi um importante ativista e produtor cultural sul-africano que trabalhou com música, teatro e artes de rua no Reino Unido. Ele foi um dos precursores da aparição, pela primeira vez, de um grupo carnavalesco organizado nos moldes das escolas de samba cariocas no carnaval de Notting Hill, no ano de 1984. Alan viajou diversas vezes ao Brasil, em busca de materiais, redes de contatos para ampliar seus projetos e promover intercâmbios de aprendizado entre brasileiros e habitantes do Reino Unido. Mudou-se em definitivo para o Brasil em 1999, vivendo na cidade do Rio de Janeiro até a sua morte em 2012.
- ⁱⁱⁱ Existe uma escola de samba homônima no Rio de Janeiro: a Acadêmicos de Madureira fundada no ano de 2013. A escola de samba carioca disputa os grupos de acesso do carnaval do Rio de Janeiro, e está localizada na região de duas grandes e tradicionais agremiações, a Portela e o Império Serrano. A Acadêmicos de Madureira fundada em Londres por Alan surgiu de uma dissidência da London School of Samba, no início da década de 1990, e encerrou suas atividades na virada do século XXI.

- ⁱⁱ O carnaval no bairro de Notting Hill surgiu em 1964, como uma feira de rua, por mobilização da comunidade de imigrantes do Caribe no oeste de Londres (COHEN, 2013). Em 1966, a festividade foi transformada num carnaval de rua, mobilizando centenas de migrantes e descendentes das British West Indies, assim como ingleses interessados, que o tornaram uma referência cultural anual da capital do Reino Unido. As manifestações artísticas em Londres se remetem às formas de carnaval que acontecem nas antigas colônias britânicas da América Central: as *masquerades*, as bandas de pan (steel bands) e os grandes sistemas de som montados por disk jockeys. Hoje, o carnaval de Notting Hill é considerado o maior festival de rua do verão europeu. Segundo as variadas estatísticas governamentais divulgadas pelos jornais do país, o festival reúne no final de semana estendido de sua programação um número que varia de meio milhão a um milhão de pessoas em todo o perímetro do bairro Notting Hill e em suas adjacências a cada ano.
- ^{iv} As *masquerades bands*, ou *mas bands* no formato abreviado, eram grupos de pessoas fantasiadas que desfilavam em procissão ritual, organizadas num tema anual, divididos em alas com fantasias padronizadas, que dançavam ao ritmo de um carro de som comandado por um Disc Jockey (DJ), e embaladas por ritmos caribenhos mesclados com música eletrônica. As fantasias eram confeccionadas com base em tecidos e em estruturas metálicas leves que podiam atingir até três metros de altura. A *mas bands* era uma forma artística carnavalesca muito popular do Caribe, sobretudo nas ilhas de Trinidad e Tobago, em Granada e em Dominica. Por este motivo, a existência das *mas bands* era preponderante no carnaval de Notting Hill (foram cerca de setenta *mas bands* que se apresentaram no ano de 2019), sendo a principal festa dos migrantes e descendentes da comunidade caribenha no Reino Unido (COHEN, 2013).

^v O carnaval de Notting Hill foi cancelado nos anos de 2020 e 2021 em decorrência da pandemia do novo coronavírus, a Covid-19. A expectativa de retomada do festival é no ano de 2022.

^{vi} Texto de apresentação da Paraíso School of Samba no seu site oficial: <https://www.paraisosamba.co.uk/about/>. Acessado em outubro de 2021

BIBLIOGRAFIA

- BARTH, Fredrik. 1998. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFFE-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP. P. 185-227.
- BHABHA, Homi. **O Bazar Global e o Clube dos Cavalheiros Ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2008.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca**: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Ed. da Ufrj, 1995.
- COHEN, Abner. **Masquerade Politics**: Explorations in the Structure of Urban Cultural Movements. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2013.
- CUNHA, Fabiana Lopes. **Da Marginalidade ao Estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: Annablume, 2004.
- CUNHA, Fabiana Lopes da. Atlantic Dialogues and Immaterial Heritage: The Party, Samba and Building a Community of Brazilians in London. In: CUNHA, F.L. and RABASSA, J.. (Org.). In: **Festivals and Heritage in Latin America**: Interdisciplinary Dialogues on Culture, Identity and Tourism. 1ed. Cham: Springer Nature, 2021, v. 1, p. 3-28.
- DECERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vol. 1. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008.
- DUARTE, Ulisses Corrêa. *Carnavais Além das Fronteiras*: circuitos carnavalescos e relações interculturais em Escolas de Samba no Rio de Janeiro, nos Pampas e em Londres. Tese de Doutorado em Antropologia Social – PPGAS/UFRGS. Porto Alegre, 2016.
- DUARTE, Ulisses Corrêa. Schools of Samba in the South Brazilian Border: circuits and trans-local exchanges in carnival cultures. In: CUNHA, F.L. and RABASSA, J.. (Org.). In: **Festivals and Heritage in Latin America**: Interdisciplinary Dialogues on Culture, Identity and Tourism. 1ed. Cham: Springer Nature, 2021, v. 1, p. 101-121.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem Preto Nem**

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro, Ed.Zahar, 2012.

Branco, Muito Pelo Contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2013.